

Crítica, crise e teoria social hoje

Ana Livia Castanheira¹

Felipe Maia²

A relação entre crítica e crise é antiga e tem sido um dos eixos em torno do qual se desenvolve a teoria social. Nela, a interpretação de tendências e processos históricos de transformação soma-se à avaliação de problemas postos no presente e possibilidades de desenvolvimento futuro, conjugando dimensões descritivas, interpretativas, explicativas e avaliativas, que em outros trabalhos podem se apresentar em separado. Nesse esforço, as crises oferecem pequenos laboratórios para o conhecimento de problemas e contradições que podem ficar ofuscados em momentos rotineiros. Por outro lado, a própria definição de uma situação como de "crise" pode ser em si uma observação crítica e não se deveria descartar a possibilidade de que sejam justamente observações desse tipo que possam desencadear as crises. Compartilhando uma origem etimológica comum, que remete à palavra grega "krino", esse par conceitual tem sido objeto de intensa reflexão. Na verdade, são muitos os desafios e problemas envolvidos na tentativa de pensar crítica e crise. Em que medida um conceito de crise requer uma distinção com períodos de normalidade? Onde se apóiam os críticos para justificar suas enunciações? Teriam as crises causas objetivas? Seriam as críticas apenas o resultado de avaliações subjetivas? Será que as crises se tornaram normalizadas nas sociedades contemporâneas? Teria a crítica perdido sua capacidade de sensibilizar o público? Será que

¹Doutora em Ciências Sociais (2023) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Possui bacharelado e mestrado na mesma área pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: ccastanheiraana@gmail.com.

²Felipe Maia é sociólogo, professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pesquisador do CNPq. É autor do livro "A economia imaginada do capitalismo agrário" (UFJF, 2021) e de artigos em revistas científicas. É co-coordenador do grupo de pesquisa "Metamorfoses da sociologia" (CNPq) e do Grupo de Estudos em Teoria Social. Tem atuação nas áreas de teoria social, sociologia dos intelectuais, sociologia histórica e sociologia do conhecimento. Email: felipe.maia@ufjf.br.

esses conceitos ainda ficam de pé em uma época de riscos, tragédias e conflitos duradouros?

O dossiê que organizamos procura lidar com algumas dessas questões, a partir do debate que foi organizado em 2022 quando do lançamento do livro “Crise e crítica: sobre as frágeis fundações da vida social”, do sociólogo chileno Rodrigo Cordero, publicado no Brasil pelo Ateliê de Humanidades. Naquela ocasião, reunimos sociólogos e filósofos brasileiros para conversar com o autor sobre sua obra. Algumas dessas intervenções foram reelaboradas em formato escrito para esse dossiê. O livro de Cordero tem grandes méritos, pois permite organizar com clareza a discussão sobre os desdobramentos desse par conceitual na teoria social contemporânea, constituindo assim uma história dos conceitos que serve, ela mesma, a um propósito teórico. A exploração dessa *démarche* conceitual permite avaliar as dificuldades e as contribuições de autores e autoras diversos e o desenho da própria compreensão de Cordero. Ele procura observar no movimento dos conceitos as pistas do movimento das forças sociais, seus conflitos e suas formas de interpretação. Ao mesmo tempo vê na crise um índice de fragilidade de uma vida social que não pode contar com fundamentos permanentes, mas que justamente por isso é capaz de se transformar e de dar lugar ao trabalho reflexivo da crítica.

O livro oferece uma contribuição importante a um campo de estudos que preferimos chamar simplesmente de teoria social, para abrigar inscrições e trajetórias disciplinares diversas que podem tomar como referência as ciências sociais, mas também a filosofia e a história. Trata-se, antes de tudo, de uma tentativa de tomar como um objeto de pensamento um conjunto de relações entre processos, formas de estruturação e de conhecimento da vida social, sem a pretensão de constituí-los enquanto totalidades objetivadas. A pesquisa com e sobre os conceitos oferece um ponto de apoio fundamental, pois permite explorar como certas interpretações e modos de ver podem ser cristalizadas em formas conceituais. Como argumenta Cordero, conceitos são “formas

sociais”, que contém elementos de uma experiência que se passa “no meio da vida social” e que estabelecem um “horizonte de relação com o mundo” (Cordero, 2022, p. 32). As ambigüidades, as imagens borradas, não seriam assim resultado de um trabalho precário de conceitualização, mas traços de uma experiência ao mesmo tempo conflitiva e aberta, que permite compreender a fragilidade do mundo social e sua possibilidade de mudança. A reflexão sobre os conceitos ganha então um valor metodológico, tornando-se não só um instrumento para a pesquisa, mas um objeto de pesquisa em seu direito próprio. Ao mesmo tempo, abre-se a possibilidade de uma atitude crítica e reconstrutiva que transcende a pura objetivação e não deixa de procurar no trabalho sobre os conceitos formas melhores de autoentendimento das sociedades sobre si mesmas que nos ajudem a lidar com as crises e problemas sociais.

Os artigos aqui reunidos discutem o livro em alguns de seus temas principais. Iniciamos o dossiê com um artigo de Rodrigo Cordero que desenvolve o tema da crise um pouco além do já apresentado em seu próprio livro, procurando conjugar uma recuperação crítica do conceito de crise para estudar a pluralidade das formas pelas quais as sociedades visibilizam ou ocultam seus conflitos ou excessos estruturais, inclusive quando parecem normalizar a crise.

O artigo de Miriam Kussumi explora a maneira como este livro promove, para além dos conceitos de crise e crítica, uma reflexão sobre a relação entre a Filosofia e a Sociologia. A autora chama atenção para a relação entre um saber teórico crítico normalmente vinculado à filosofia e produções de ciências empíricas, para questionar acerca do motivo que levou a filosofia a se afastar de domínios que lidam com a realidade material e empírica. Daí apontar para a “inospitalidade da crítica filosófica”. Ela, então, procura demonstrar que a separação entre filosofia e sociologia se apresenta como um falso dilema, tendo em vista que essas disciplinas, assim como os conceitos de crise e crítica, encontram-se interrelacionadas e se favorecem mutuamente.

O artigo de Paulo Henrique Martins conecta a discussão da relação entre crítica e crise com a construção de um imaginário que emerge das fronteiras da modernidade ocidental e que põe em questão categorias de pensamento que hierarquizam e discriminam, repensando assim os fundamentos da crítica em conexão com um propósito de justiça epistêmica.

Ana Livia Castanheira propôs em seu artigo pensar o intelectual, um ator que encontra-se implicado entre crises e críticas. Assim, em uma reação à leitura que Cordeiro apresenta de Hannah Arendt e sua concepção de fragilidade do mundo, a autora sugere a qualidade de *flaneur* do intelectual, capaz de operar em um ritmo diferente dos demais, se afastar do fluxo incessante das atividades cotidianas e simplesmente parar para pensar a respeito do que ocorre ao seu redor. Ela aponta ainda para a modéstia do papel do intelectual diante do mundo e de suas crises, um papel que consiste em ser guardião do “in-between”: o frágil espaço entre os homens, que os une e os separa simultaneamente, no qual a humanidade pode expressar sua condição máxima que é, conforme Arendt, a pluralidade.

Já Felipe Maia propõe um debate centrado na relação entre crítica e crise na obra de Jürgen Habermas. O autor discute em que medida a formulação habermasiana pode dar conta de aspectos mais “ativos” da noção de crítica, para além da reação a momentos de crise, sugerindo que há um conjunto de aberturas na obra de Habermas para pensar momentos mais criativos do uso da linguagem e da crítica, sem perder a vinculação da crítica com um objeto historicamente definido e com um espaço comunicativo de troca de razões. Ele sugere que a concepção de Habermas a respeito da relação entre filosofia e crítica social encontra guarida na visão que este autor desenvolveu da atuação de intelectuais na esfera pública, incluindo aí sua própria *persona* pública.

Boa leitura!